

PROJETO FEIRA CENTRAL DE PRODUTOS COLONIAIS E AGROECOLÓGICOS DE CHAPECÓ, SC

Rafael Stramosk¹
César Pagano Galli²
Nilson Berticelli³

RESUMO

A feira livre é um espaço que compõe a estrutura urbana desde o princípio da vida humana nas cidades, e proporcionam não só o comércio de alimentos, mas uma troca social, o diálogo, o encontro, além de representar a cultura local com produtos típicos da região. Este trabalho formula o projeto da feira de produtos coloniais e agroecológicos de Chapecó – SC, com o objetivo de criar um espaço urbano para o ponto já marcado em memória popular, concebendo um equipamento integrador entre as pessoas, a cultura local e a cidade, através de uma arquitetura que propicie atividades relacionadas, buscando o desenvolvimento ambiental, cultural, econômico e social. Seu desenvolvimento se dá a partir da coleta de dados acerca do tema, utilizando método de pesquisa indutivo exploratório, como a revisão bibliográfica, estudos de casos, e com a visita in loco das feiras em Chapecó. O trabalho teve início com o entendimento da importância da feira para cidade, a temática produtos orgânicos na feira, bem como seus impactos na vida social e urbana. Espera-se ao fim do estudo, alcançar os objetivos com êxito, tendo em vista o objetivo de um espaço dinamizador, capaz de integrar cidade e usuário, fortalecendo os pequenos produtores familiares e promovendo saúde pública aos consumidores.

Palavras-chave: Feira. Chapecó. Produtos orgânicos.

1 INTRODUÇÃO

A agricultura brasileira está cada vez mais dependente dos agrotóxicos e fertilizantes químicos. Constata-se que nos últimos dez anos o mercado mundial de agrotóxicos teve um crescimento de 93%, porém no Brasil o crescimento foi 190%. Com isso, em 2013, o Brasil ultrapassou os Estados Unidos e passou a ser o líder no mercado mundial de agrotóxicos (CARNEIRO et al, 2013; ANVISA, 2012).

Devido a grandiosidade das indústrias do mercado oposto, a agricultura orgânica (agricultura sem agrotóxicos) está ligada a uma abordagem ineficiente para produção de alimentos de forma controversa. No entanto, o comércio de produtos orgânicos é um segmento de mercado em rápido crescimento no contexto global, sendo ainda na grande maioria

¹ Acadêmico do curso de Arquitetura e Urbanismo, UCEFF Chapecó, e-mail: rafaelstramosk1@gmail.com

² Docente da UCEFF Chapéco, Arquiteto e Urbanista (PUCRS) e especialista em Estratégias Financeiras e Custos (SENAC), e-mail: galli.cesar@gmail.com

³ Docente da UCEFF Chapéco, nilson@uceff.edu.br.

representado pela agricultura familiar. Representam importantes fontes de geração de renda e de qualidade alimentar e nutricional, tanto para os agricultores quanto para os consumidores que se abastecem diretamente nas feiras. As populações urbanas devem saber que sua qualidade de vida está ligada diretamente ao modelo agrícola consumido (CANCELIER; CAMPOS; BERTOLLO, 2005).

Chapécó não está longe dessa realidade. Conhecida como polo agroindustrial, apresenta-se como uma das mais competitivas nesse mercado. Assim como a demanda mundial por produtos orgânicos tem aumentado, a cidade acompanha essa estatística. Conta hoje com 10 feiras livres, porém com estruturas inadequadas. Desvalorizando não apenas os produtores locais, como também os consumidores (SEDEMA, 2015).

Tomando como partido todas estas questões. O presente trabalho teve por objetivo desenvolver um projeto para Feira Central de Produtos Coloniais e Agroecológicos de Chapécó levando em conta a relação íntima existente entre cidade, comércio e sociedade. Estruturado para compreender a temática, através de levantamento de dados, pesquisa quanto aos aspectos de normas e legislação de funcionamento, pesquisa de referência em estudos de casos de temas similares e criação de programa de necessidade conforme perfil. Tendo em vista, principalmente, a desconformidade de estrutura física e a desvalorização de feirantes da atual feira livre municipal. A cidade de Chapécó atualmente conta com a atividade de 101 boxes distribuídos em 10 pontos de feiras livres. Envolvendo indiretamente 150 famílias, movimentando mensalmente em torno de 550 mil reais. Sendo que a maior em porte e demanda é conhecida como Feira Central, localizada na esquina das ruas Clevelândia e rua Rui Barbosa (SEDEMA, 2015).

O grande problema encontra-se na Feira Central que atualmente não supre sua demanda de maneira adequada, a estrutura está inadequada aos usuários e feirantes em condições impróprias. Entre algumas das deficiências não atende a NBR9050, falta banheiros masculino e feminino além do P.C.D., não está na rota turística da cidade, possui estrutura antiga e frequência de funcionamento de apenas dois dias semanais. Além disso, não há outros comércios relacionados atuando em conjunto, ocorrendo desvalorização dos produtores locais e desmotivando a busca da sociedade por produtos orgânicos.

Em 2003, a organização americana Project for Public Spaces - PPS, em português, projeto para espaços públicos, desenvolveu uma pesquisa sobre os impactos das feiras nas comunidades. De acordo com a PPS, as feiras conectam as economias rurais e urbanas, aumentam o acesso a alimentos frescos e saudáveis, garantindo o fluxo de renda local,

proporcionando oportunidades de baixo risco para pequenos produtores. Ainda segundo a PPS, as feiras podem constituir um papel fundamental para combater as doenças relacionadas aos hábitos alimentares e ressalta que são locais de reunião pública, troca de informações e aprendizado. Por fim podem intervir nas cidades como atividades sociais e econômicas (PPS, 2003).

As feiras livres marcam início em 1990 no município de Chapecó (SEDEMA, 2015). São quase 30 anos de crescimento das famílias de produtores locais. Nesse contexto foi de suma importância o desenvolvimento do projeto para proposta de uma nova Feira Central de Chapecó.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA/REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 FEIRA LIVRE

A feira livre é uma das formas mais antigas de comercialização de produtos. Na história são inúmeras situações que podem ser compreendidas, mostrando como assumiram além da função comercial, um papel cultural, religioso e até mesmo festivo (LAJE, 2016).

As primeiras feiras tiveram início no universo comercial do século XI, na Idade Média. Nesse período houve um desenvolvimento notável das técnicas de produção na agricultura e por consequência a produção cresceu além do necessário para o consumo. O excedente de produção passa então a ser utilizado como moeda de troca, surgindo uma forma de comércio (PACHECO; NETO; FERREIRA, 2017).

As feiras eram centros de intercâmbio, reuniam uma diversidade de produtos e homens de diferentes partes. Os que produziam precisavam de outros tipos de mercadorias para satisfazer suas necessidades, assim começaram a criar e buscar espaços que promovessem trocas. Esses locais eram denominados feiras e inicialmente cumpriam apenas essa função (PIRENNE, 1973).

No Brasil, as feiras livres foram marcadas pelo período colonial, sendo desempenhadas e migradas pelos colonizadores portugueses. Esse eventual surgimento se deu entre o século XVII e XVIII durante a expansão demográfica, onde posteriormente expandiram-se por todo o território realizando importantes papéis no abastecimento e formação de novas cidades (RADOMSKY, 2006).

A palavra feira deriva do latim feria, tem como significado dia santo, ou feriado. É uma união de feirantes, produtores locais, que expõem seus produtos e disponibilizam seus serviços em um espaço público para os consumidores, representados pela população local, regional e pelos turistas (OFFER, 1997).

Os pequenos produtores podem vender sua produção na feira, continuam através dela sua autonomia já existente na unidade de produção, ao mesmo tempo em que a feira cultiva circunstâncias sociais da prática de trocas mercantis (SARDÁ; FERRAREZZO, 2018).

Assim a feira livre pode ser vista como um espaço de motivação da honra do agricultor, devido a sociabilidade e confiança gerados. A feira vai muito além da troca econômica, nela se cria confiança, lealdade e respeito mútuo. A confiança se desenvolve através da contínua “troca”, que geram relações pessoais entre produtores e consumidores, ainda que alguns consumidores comprem eventualmente, a maior parte são consumidores fiéis, adotam a atividade como um ritual (KARAM; ZOLDAN, 2003).

A feira de produtos coloniais e agroecológicos é uma tradição em Chapecó e tem uma força histórica. Em 1990, oito famílias de agricultores locais deram início no mercado cadeia curta, venda direta ao consumidor (SEDEMA, 2015).

Essa primeira feira ocorria por meio de bancas móveis e era contemplada na calçada da Rua Índio Condá, ao lado do estádio de futebol da equipe Chapecoense. Em 1991 surgiu o primeiro estatuto da Associação dos feirantes - APROFEC, com auxílio de técnicos da prefeitura e da Epagri (FERRARI, 2011).

Foi inspirada nessa pequena feira, com apenas oito feirantes, que em 1997 a iniciativa se institucionalizou no município através da elaboração de um Programa de Feiras Agroecológicas em que foram criados espaços adequados para que os pequenos produtores familiares pudessem vender seus produtos diretamente aos consumidores. Assim, em 1998, o programa de feiras livres ganhou o nome de Feira de Produtos Coloniais e Agroecológicos. Em 21 de fevereiro de 1998 foi inaugurado o novo espaço para funcionamento da feira livre no centro, em substituição ao espaço localizado no Estádio Índio Condá. A construção da área foi realizada através do poder público municipal em parceria com os agricultores, construída através de mutirão pelos próprios produtores (CANCELIER; CAMPOS; BERTOLLO, 2005).

Os consumidores da feira foram aumentando gradativamente, e por consequência as famílias de agricultores também aumentaram. Deste modo, em 1999, houve demanda para a abertura de outros pontos de feiras nos bairros. Foram então implantados pontos com menor estrutura nos bairros São Cristóvão, Bela Vista, Santo Antônio, Passo dos Fortes, Maria

Gorretti, Jardim América, Calçadão e Unochapecó. Em 2004 mais dois pontos de feira foram implantados no bairro Cristo Rei e Colatto, beneficiando assim direta e indiretamente cerca de 250 famílias de agricultores (FERRARI, 2011).

As feiras na cidade de Chapecó fazem parte do cotidiano de grande parte da população semanalmente, oferecendo para seus visitantes, diversos produtos agroecológicos e orgânicos. Atualmente existem 101 boxes distribuídos em dez pontos de feira-livres preenchidos por 64 feirantes, envolvendo diretamente 150 famílias e em torno de 200 indiretamente. Dentre estes, o ponto central e o do calçadão correspondem aos de maior estrutura e demanda. O movimento econômico mensal estimado gira em torno de R\$ 550 mil (SEDEMA, 2015).

Através de conversas informais com os próprios feirantes, foi possível detectar que a grande maioria dos feirantes, não possuem um box adequado ao seu tipo de venda, de forma improvisada por conta da pequena metragem de alguns boxes, acabam desta forma não oferecendo condições adequadas de trabalho (informação verbal coletada de um feirante).

No entanto, a procura por produtos vindos diretamente do interior por serem produtos frescos, ecológicos, e orgânicos é de grande aceitação da comunidade chapecoense, sendo já uma tradição consolidada da população que movimenta cerca de 6 milhões de reais por ano (SEDEMA, 2015).

Os principais produtos comercializados são hortaliças, frutas, cereais, grãos, leite e derivados, ovos, mel, carne e derivados, ervas medicinais, artesanato, flores, plantas ornamentais, pães e derivados de farinha de trigo e milho, peixes e produtos de cultivo locais. A feira central ainda conta com uma pequena cafeteria. O funcionamento de cada feira é de dois dias sendo um dia da semana intercalado entre elas e todas funcionando no sábado (CANCELIER; CAMPOS; BERTOLLO, 2005).

2.2 AGRICULTURA FAMILIAR

Agricultura familiar inclui as atividades agrícolas de base familiar, a mesma está ligada a várias áreas do desenvolvimento rural. É um meio de organizar a produção agrícola, que é gerenciada e operada por uma família da qual depende predominantemente do trabalho familiar. Atualmente a agricultura, tem produzido efeitos econômicos, sociais e ambientais negativos, deste modo surge a necessidade de repensar a prática, enfatizando cada vez mais a importância de novas formas de produção agrícola, e novas relações entre o homem e a natureza (GIDDENS, 1991; LEFF, 2009 e 2010; SACHS, 2004).

A agricultura familiar, atualmente está cada vez mais consistente e vem solidificando sua importância no meio social. É uma das formas mais presentes de agricultura em todo mundo, tanto nos países em desenvolvimento quanto nos desenvolvidos. Envolve um amplo aspecto de tamanhos e tipos de fazendas, variando de propriedades muito grandes cultivadas por um ou dois membros da família, com o uso de máquinas, até pequenas propriedades, administradas igualmente por membros da família (CANCELIER; CAMPOS; BERTOLLO, 2005; FERRARI, 2011).

Essas propriedades familiares pequenas, são as mais numerosas, globalmente, existem 500 milhões de pequenas propriedades familiares, sendo 290 milhões na China e na Índia, responsáveis por fornecer 56% dos alimentos no mundo (PPS, 2003).

A agricultura familiar é no Brasil responsável por 80% de todo meio rural, corresponde a 7 de cada 10 empregos no campo e por aproximadamente 40% da produção agrícola. A maioria dos alimentos que chegam até a mesa do brasileiro vem de pequenas propriedades familiares (LEFF, 2010; PLEIN; FILIPPI, 2011; DE PAULA; KAMIMURA; SILVA, 2014).

O município de Chapecó possui área territorial total de 624,3 km², sendo 113,24 km² de perímetro urbano e 512,36 km² de perímetro rural. Em 2014 a população somava um total de 202.760 habitantes, sendo 93% urbana e 7% rural. Outras cidades no estado apresentam características semelhantes. A estrutura fundiária do município é formada por agricultores familiares de pequenas propriedades, do total de 1.837 estabelecimentos rurais, 92% são pequenas propriedades onde a organização produtiva segue as características de agricultura familiar (FERRARI, 2011).

Com a expansão de consumidores preocupados em relação ao consumo de alimentos saudáveis e aos problemas de segurança alimentar, a qualidade passa a ser uma condição importante, dessa forma a agricultura familiar frente às mudanças no padrão de consumo pode se apresentar em vantagem, por consequência inverte-se a lógica anterior e o consumo passa a comandar a produção (ABRAMOVAY, 1998; WILLER, 2010).

A agricultura orgânica é uma técnica que envolve a criação de animais e o cultivo de plantas forma natural. Esse processo envolve apenas o uso de materiais biológicos, substâncias sintéticas são evitadas visando manter a fertilidade do solo e o equilíbrio ecológico, minimizando a poluição e o desperdício. Desta mesma forma, a agricultura orgânica é um método agrícola que envolve o cultivo e manejo sem uso de fertilizantes e pesticidas sintéticos. Além disso, não são permitidos organismos geneticamente modificados (OLTRAMARI; ZOLDAN; ALTMANN, 2002).

A prática da agricultura orgânica baseia-se em princípios agrícolas ecologicamente equilibrados, como rotação de culturas, adubo verde, resíduos orgânicos, controle biológico de pragas, aditivos minerais e rochas, a mesma faz uso de pesticidas e fertilizantes se forem considerados naturais e reprovava o uso de vários fertilizantes e pesticidas petroquímicos (KARAM, 2015).

A Federação Internacional de Movimentos de Agricultura Orgânica - IFOAM criada em 1972, criou uma definição de agricultura orgânica mundial sendo: “A agricultura orgânica é um sistema de produção que sustenta a saúde de solos, ecossistemas e pessoas. Baseia-se em processos ecológicos, biodiversidade e ciclos adaptados às condições locais, e não no uso de insumo com efeitos adversos. A agricultura orgânica combina tradição, inovação e ciência para beneficiar o ambiente compartilhado e promover relacionamentos justos e uma boa qualidade de vida para todos os envolvidos [...]” (IFOAM, 2010).

A globalização de informações contribui para disseminar informações e melhora os níveis educacionais, conseqüentemente crescem os cuidados dos consumidores com nutrição e saúde e, por sua vez, aumentam-se as exigências por alimentos de melhor qualidade. Assim é relatado um aumento global significativo na rejeição ao uso de agrotóxicos para produção de alimentos, dessa maneira a produção e comércio dos orgânicos ganha espaço (DE PAULA; KAMIMURA; SILVA, 2014).

O crescente aumento do consumo mundial de produtos orgânicos e a evolução na produção entre diversos países confirmam essas tendências. Entre 1999 e 2008 a área de produção orgânica no mundo triplicou. A receita global de alimentos e bebidas orgânicas passou de US\$ 15 bilhões em 1999 para US\$ 51 bilhões em 2008 (IFOAM, 2010).

Ainda conforme dados atuais esse crescimento triplicado continua, em 2018 os orgânicos no mundo movimentaram US\$ 105 bilhões (ECOVIA INTELLIGENCE, 2019).

O Brasil tem acompanhando as estatísticas do mercado global, em 2010 contava com apenas 5.400 estabelecimentos agrícolas orgânicos, já em 2018 o registro de unidades certificadas triplicou, saltando para 22 mil. Ainda em 2018 o mercado nacional faturou R\$ 4 bilhões, resultado 20% maior do que o registrado em 2017. Dentro desse mercado nacional, Santa Catarina atualmente registra, em torno de mil unidades com certificação orgânica, porém absorve 87% de sua produção para consumo no próprio estado (MAPA, 2018).

A maior consciência acerca da problemática ambiental deverá exercer pressão para que o “mundo” repense a maneira como os alimentos estão sendo produzidos (FERREIRA, 2011, p. 37).

3 METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida com base em método indutivo. Este método é aquele que parte de análises singulares a partir destas, indutivamente, chega-se a conclusões plurais. Ao contrário da dedução, parte da experiência sensível dos dados. Desta forma foram realizados estudos para entender a teoria, e a ideia de alguns autores sobre feira livre, mercados públicos e orgânicos (MARCONI; LAKATOS, 2003).

A pesquisa exploratória contou com visitas in loco, levantamento de dados, capturas de fotos, conversas informais, diretrizes e análise e desenvolvimento de mapas da cidade e do entorno, bem como entrevista não estruturadas. Caracterizada quando se tem o objetivo final determinado, proporciona a familiarização com o tema abordado obtendo diferentes percepções dentro de um planejamento flexível (CERVO; BERVIAN, 1978).

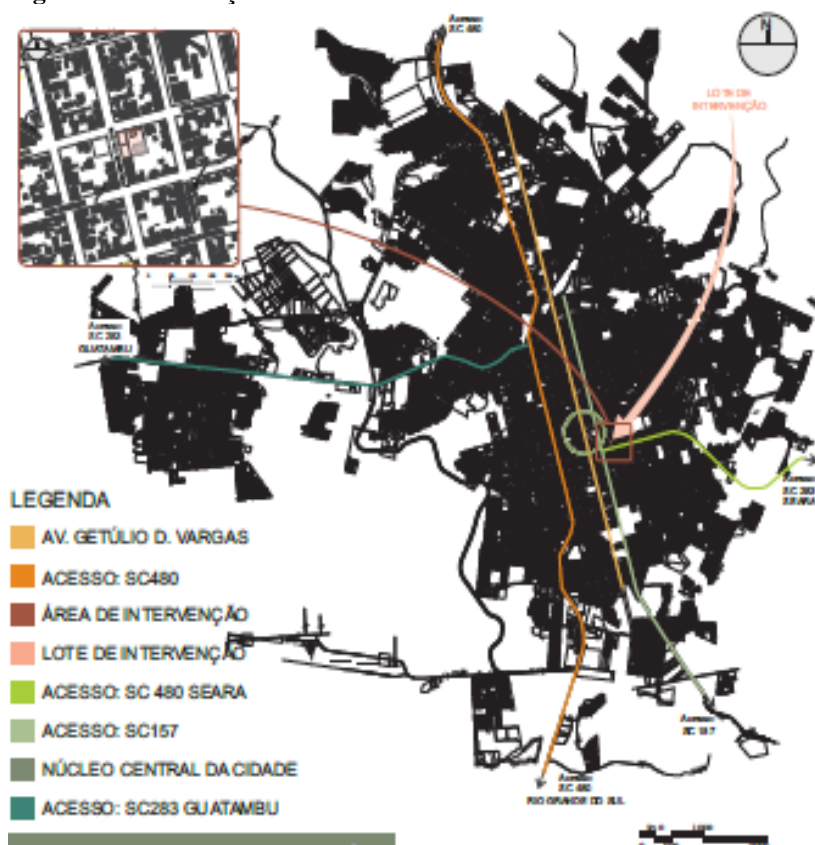
4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

4.1 ANÁLISE URBANA

O terreno escolhido para a inserção do projeto está localizado no Oeste de Santa Catarina, no município de Chapecó. Conforme Figura 1 está inserido no bairro Centro da cidade, situa-se em uma área urbana central, próximo aos principais acessos de entrada e saída da cidade, sua localização favorece uma proposta de intervenção qualificada, pois atende uma vasta gama de bairros e está próximo as principais referências de Chapecó, como a Catedral Santo Antônio, Camelódromos, Praça Coronel Bertaso, Arena Condá, Terminal Rodoviário e colégio Marista.

O mesmo está localizado no bairro Centro de Chapecó, SC, na quadra 58, lote 65; 65A; 67/69, com um total de 3600m², atualmente existe uma edificação em um dos lotes onde contempla-se a feira atual. O lote 65 possui ainda uma pequena estrutura de uso da CASAN. Os lotes encontram-se em uma topografia pouco acentuada, com a exploração dos 3 lotes se condensa um terreno de esquina, possibilitando acesso pelas duas ruas principais ao norte com a rua Rui Clevelândia e oeste rua Rui Barbosa, conforme Figura 2.

Figura 1 - Localização do terreno e acessos.



Fonte: Prefeitura de Chapecó. Adaptado pelo autor (2019).

Figura 2 - Terreno de intervenção.



Fonte: Prefeitura de Chapecó. Adaptado pelo autor (2019).

Visando atender às normas urbanas exigidas a nível municipal através do Plano Diretor de Chapecó, Lei no 541, de novembro de 2014, que dispõe sobre o Uso e Ocupação do solo.

De acordo com a mesma, o terreno de intervenção encontra-se no zoneamento Área Urbana Central - AUC, conforme Figura 3. Os índices e parâmetros permitidos para a AUC são: coeficiente de aproveitamento básico: 9; taxa de ocupação base: 90, torre: 90; recuo: 0 metros; número de pavimentos: conforme CA; taxa de permeabilidade: 5%.

Figura 3 - Área de estudo, legislação.

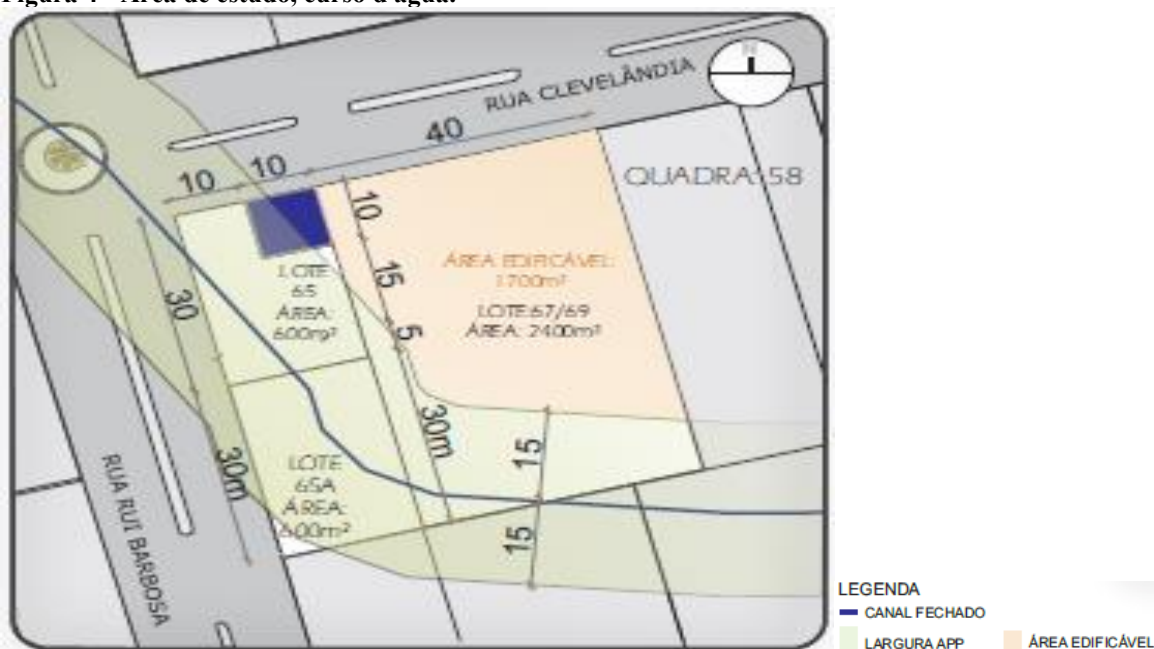


Fonte: Prefeitura de Chapecó. Adaptado pelo autor, (2019).

Segundo os parâmetros exigidos para o terreno em estudo, e considerando que devido o limite de APP, será possível edificar apenas no lote 67/69 conforme mostra no mapa: área de estudo, curso d'água. A elaboração dos cálculos de acordo com o terreno e índices AUC apresenta: área do terreno: 3600m²; coeficiente de aproveitamento básico: 32.400m²; taxa de ocupação base: 3240m², torre: 2160m²; taxa de permeabilidade 180m².

A Figura 4 apresenta o detalhe do curso d'água, o qual está identificado como canalizado (canal fechado). Conforme o art. do Novo Código Florestal Brasileiro (Lei no 12.651 de 25 de Maio de 2012), enquadra-se como APP 15m., não sendo permitido qualquer edificação no raio de 15 metros. Área permitida edificar: lote 67/69 - 1700m²; área de APP no lote 67/69: 700m²; soma de áreas dos lotes 65 65A,67/69: 3600m².

Figura 4 - Área de estudo, curso d'água.



Fonte: Prefeitura de Chapecó. Adaptado pelo autor, (2019).

Quanto ao uso do solo, devido ao terreno estar localizado na região central da cidade, na área em estudo encontram-se diversas atividades. Predomina principalmente edificações de uso misto e comercial. Caracteriza-se por um grande fluxo de veículos, devido a proximidade entre o camelódromo, a Catedral Santo Antônio, a Arena Condá, o Terminal Rodoviário e o colégio Marista.

É possível observar uma grande quantidade de edifícios de dois à cinco pavimentos e também muitos acima de cinco, porém a maior parte das edificações são caracterizadas por até dois pavimentos, assim alguns campos de configuração horizontal ficam inseridos entre grandes edifícios. A área de estudo é caracterizada por uma densidade de grande porte devido a predominância de uso comercial e alguns edifícios.

O terreno de estudo tem como vias de acessos a Rua Clevelândia e a Rua Rui Barbosa, ambas as ruas se caracterizam como vias arteriais, levando em consideração que a fachada norte do terreno está em uma parte aonde a Rua Rui Barbosa altera para uma via local.

A infraestrutura urbana presente na área de intervenção e nas proximidades da mesma são relativamente boas. As calçadas apresentam acessibilidade e seguem o padrão estabelecido pelo plano diretor da cidade. Todas as vias nessa área são asfaltadas, além de contarem com canteiros centrais e algumas com vegetação.

A respeito das condicionantes físicas os ventos predominantes são principalmente da região Nordeste e Sudeste, no local existem poucas edificações de grande porte, apenas um

edifício ao sul, assim alterando relativamente o fluxo dos ventos no terreno. Quanto ao clima, o terreno possui boa insolação durante todo o dia, isso porque no seu entorno encontram-se vazios urbanos e edificações que não interferem na insolação.

4.2 CONCEITO E PARTIDO

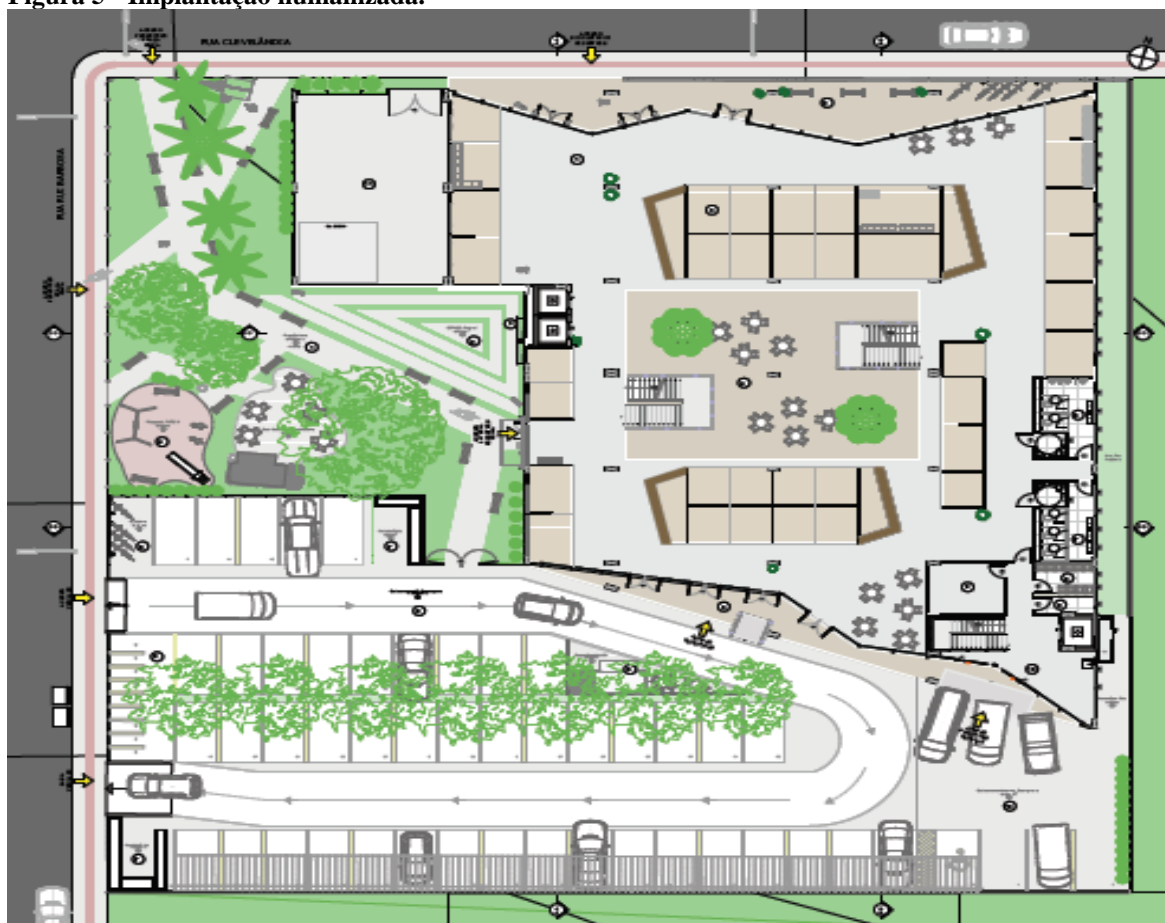
O conceito arquitetônico do anteprojeto para feira central de Chapecó visa a conexão, com intuito de incentivar o desenvolvimento da agricultura familiar, potencializar o comércio local e conectar a economia rural à urbana. Ao mesmo tempo busca conceber espaços públicos, promovendo relações sociais e culturais, proporcionando diversas atividades tanto em seu interior como no seu entorno. A feira deverá se abrir para a cidade. Possui também a premissa que o equipamento de feira funcione como um catalisador do espaço público, incentivando o consumo por alimentos de melhor qualidade e origem local.

Partindo do conceito de conexão, a proposta parte de uma arquitetura de estrutura moderna, porém com corpo, forma e características de antigo celeiro de fazenda, onde celebra-se a interação entre público e tradicionais bancas dos feirantes. Com premissa de conectar a rua com equipamento, propõe “portas” para calçada, além do uso do lote de esquina como praça de acesso para pedestres, propondo um isolamento e inibindo visualmente a pequena subestação da CASAN. A diversidade de usos acontece não só na edificação da feira, mas também no entorno que se estabelece junto ao estacionamento, ao espaço para foodtruck e a praça aberta.

4.3 PROPOSTA DE PROJETO DE UMA FEIRA LIVRE CENTRAL DE CHAPECÓ, SC

Conforme a área permitida edificar, por conta da APP, o projeto propõe uma relação direta entre o passeio público (pedestre) e o centro da feira (bancas e circulação). Na Figura 5 é possível ver que o projeto buscou ser convidativo para atribuir uma relação direta com seu entorno.

Figura 5 - Implantação humanizada.



Fonte: O autor, 2020.

Figura 6 - Fachada principal.



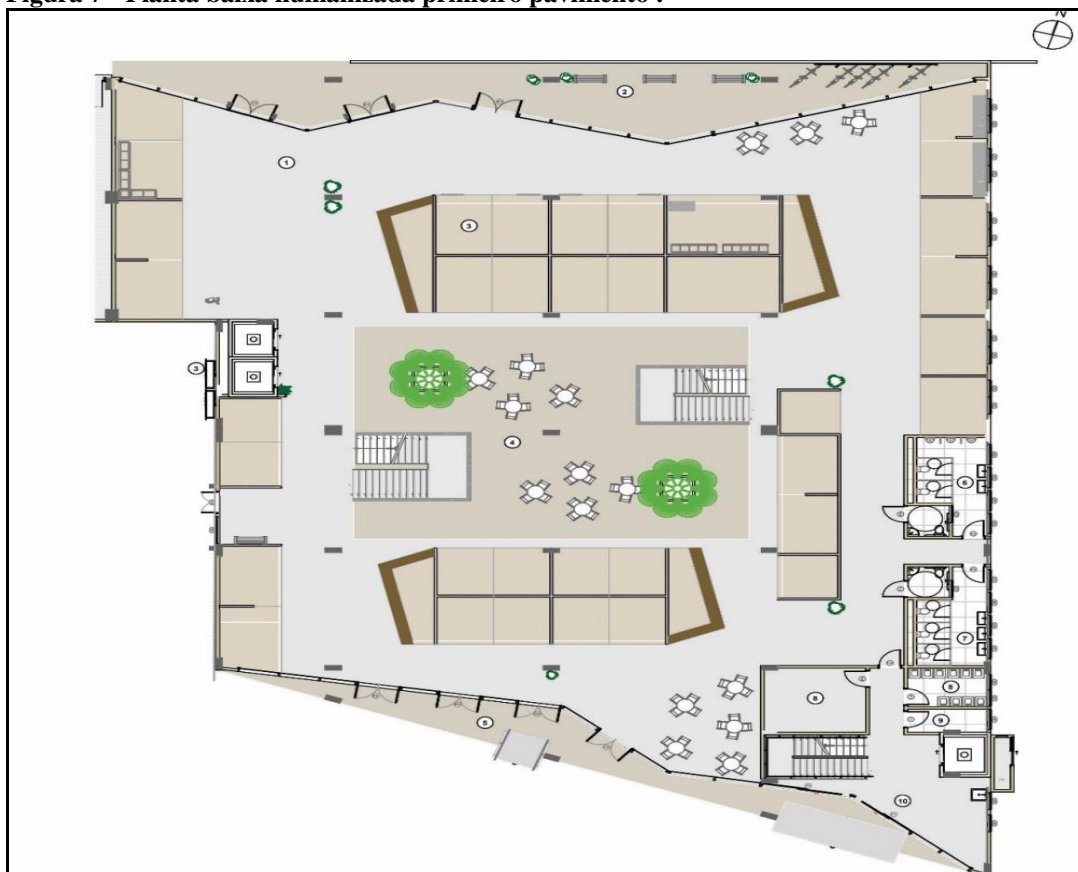
Fonte: O autor, 2020.

A fachada principal (norte) está para na Rua Clevelândia. O lote de esquina se tornou uma praça aberta, com ligação direta entre o centro da feira e os fundos (estacionamento). Ao sul foi locada a área de estacionamento, com acesso para veículos pela Rua Ruy Barbosa, sendo que 80% está locada sobre a APP assim fez-se o uso de piso permeável (concregrama). O acesso principal de pedestres foi inserido na Rua Clevelândia em um trecho ao qual está nivelado com

o passeio público. Na esquina foi implantada uma praça com playground e espaço cultural possibilitando também o acesso lateral com a feira conectando-a com a área de bancas do pavimento térreo, e com o estacionamento, aos fundos.

A proposta volumétrica foi adequada ao possível uso do terreno com dois pavimentos, térreo e primeiro. Ainda, buscou-se uma cobertura irregular caracterizada pelo conceito de celeiros, porém modernizada e marcada com ângulos de caimentos irregulares. Além disso, foi desenvolvido um módulo, com as mesmas características para envolver e camuflar a subestação da CASAN. No pavimento térreo estão distribuídas todas as bancas de feira (38 box) a qual se contempla um espaço mais voltado para o comércio de especiarias. Ainda há um espaço de serviço, com carga e descarga conectados ao estacionamento que faz ligação com os fundos. Já no primeiro pavimento, foi estabelecido áreas de consumo como praça de alimentação, cafés, casas de suco, áreas de estar e uma sala de workshop.

Figura 7 - Planta baixa humanizada primeiro pavimento .



Fonte: O autor, 2020.

No centro da edificação foi locado um vazio entre o térreo e o primeiro pavimento onde ocorre a circulação vertical e faz-se uma conexão entre os dois pavimentos. Por meio de

claraboias instaladas na cobertura sobre este vazio central, ambos os pavimentos recebem uma iluminação natural.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim das etapas de trabalhos, observou-se o conhecimento necessário para desenvolvimento do tema. Estruturação de uma proposta preliminar, bem como projeto que atendesse à demanda estando embasada nos conceitos abordados. O projeto de feira apresentado consiste da intenção de incentivar o desenvolvimento da agricultura familiar, fomentar o comércio local e conectar a economia rural à urbana e assim, por consequência ampliar o consumo de alimentos de maior qualidade e orgânicos.

Além disso, teve por objetivo contemplar espaços públicos de relações sociais e culturais. As diretrizes abordadas sobre os aspectos históricos da feira, entorno e condições de funcionamento foram importantes para a elaboração da proposta arquitetônica, e sobre isso criou-se uma nova proposta de configuração sobre o desafio de um terreno em meio a faixa de APP.

O projeto visou que a proposta estabelecida de uma nova Feira Central favoreça a sociedade, proporcione mais qualidade de vida, lazer, cultura e economia ao município de Chapecó - SC. A etapa do projeto arquitetônico é, em síntese, a concretização de todo o processo de pesquisa. O projeto buscou valorizar a agricultura familiar, o comércio gerado pela mesma e a conectividade entre a população urbana e as famílias produtoras, bem como prover um espaço de comércio alternativo.

Por fim, os objetivos estipulados inicialmente foram alcançados com êxito ao fim desta pesquisa e serviram para embasar o desenvolvimento posterior de um projeto de uma feira livre central de Chapecó, SC.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, R. **Agricultura familiar e serviço público**: novos desafios para a extensão rural. Cadernos de Ciência & Tecnologia, Brasília, n. 1, p. 137-157, jan. 1998.

ANVISA. **Agência Nacional de Vigilância Sanitária**. Seminário de mercado de agrotóxico e regulação, Brasília, 2012. Disponível em :

<http://portal.anvisa.gov.br/resultado-de-busca?p_p_id=101&p_p_lifecycle=0&p_p_state=maximized&p_p_mode=view&p_p_col_id=column1&p_p_col_count=1&_10>

l_struts_action=%2Fasset_publisher%2Fview_content&_101_assetEntryId=2665456&_101_type=content&_101_groupId=219201&_101_urlTitle=seminario-volta-a-discutir-mercado-de-agrotoxicos-em-2012&inheritRedirect=true>. Acesso em: 15 ago. 2019.

CANCELIER, J. W.; CAMPOS, N. J.; BERTOLLO, V. L. **Agricultura familiar:** Possibilidades e estratégias de reprodução; O caso de Chapecó – SC. III Simpósio Nacional de Geografia Agrária – II Simpósio Internacional de Geografia Agrária Jornada Presidente Prudente, 11 nov. 2005.

CARNEIRO, F. F. et. al. **Um alerta sobre os impactos dos agrotóxicos na saúde.** Agrotóxicos, Segurança Alimentar e Nutricional e Saúde. Rio de Janeiro: ABRASCO, 2013.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica:** para uso dos estudantes universitários. 2. ed. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1978.

DE PAULA, M. M.; KAMIMURA, Q. P.; SILVA, J. L. G. **Mercados institucionais na agricultura familiar: dificuldades e desafios.** Revista de Política Agrícola. n. 1, 2014.

ECOVIA INTELLIGENCE. The Global Market For Organic Food & Drink: Trends & Future Outlook (**4º Relatório Global**), Abr. 2019. Disponível em: <<https://www.ecovaint.com/global-organic-food-market-trends-outlook/>>. Acesso em: 21 set. 2019.

FERRARI, D. L. **Cadeias agroalimentares curtas: a construção social de mercados de qualidade pelos agricultores familiares em Santa Catarina.** 2011. 347 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

FERREIRA, A. R. A. C. **O movimento Slow Food The Slow Food Movement.** 2011. (Monografia). Faculdade de Ciências da Nutrição e Alimentação, Universidade de Porto, Porto, Portugal. Disponível em: <https://repositorioaberto.up.pt/bitstream/10216/54666/4/132873_09116TCD116>. Acesso em: 20 set. 2019.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade.** São Paulo: UNESP, 1991.
IFOAM. International Federation of Organic Agriculture Movements. 2010. Disponível em: <http://www.ifoam.org/growing_organic/definitions/doi/index.htm>. Acesso em: 11 nov. 2019.

KARAM, F. **Não coma veneno.** Agrotóxicos e alimentação saudável. Salve seu futuro. Você pode evitar a Doença de Alzheimer. 2. ed. Ampl. Florianópolis: Insular, 2015.

KARAM, K. F.; ZOLDAN, P. **Comercialização e consumo de produtos agroecológicos.** Florianópolis: Instituto Ceba/SC, 2003. p. 4051.

LAGE, M. **O mercado orgânico de BH:** um estudo de caso das feiras orgânicas municipais. 2016. (Mestrado) – Pós-graduação em agricultura orgânica PPGAO, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

LEFF E. **Saber ambiental**: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. 7 ed. São Paulo: Petrop Vozes, 2009.

_____. **Discursos sustentáveis**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MAPA. **Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento**. 2018. Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/noticias/mercado-brasileiro-de-organicos-fatura-r-4-bilhoes>>. Acesso em: 21 set. 2019.

MARCONI, M.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

OFFER, A. Between the gift and the market: the economy of regard. *Economic History Review*, Oxford, v. 50, n. 3, p. 450–476, 1997.

OLTRAMARI, A. C.; ZOLDAN, P.; ALTMANN, R. **Agricultura orgânica em Santa Catarina**. Florianópolis: Instituto Cepa/SC, 2002.

PACHECO, M. E. C.; NETO, A. F.; FERREIRA, L. A. S. **Sociologia Rural Urbana**. Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S.A., 2017.

PIRENNE, H. **As Cidades da Idade Média**. v. 51. São Paulo: Europa-América, 1973.

PLEIN, C.; FILIPPI, E. E. **Capitalismo, agricultura familiar e mercados**. *Revista Desenvolvimento Regional*. v. 16, n. 3, 2011.

PPS. Project for Public Space, Inc. Public markets as a vehicle for social integration and upward mobility. Nova York, set. 2003. Disponível em: <pps.org/article/the-benefits-of-public-markets>. Acesso em: 11 out. 2019.

RADOMSKY, G. W. **Redes sociais de reciprocidade e de trabalho**: as bases histórico sociais do desenvolvimento na Serra Gaúcha. 2006. 207 f. Tese (Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Rural) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

SACHS, I. **Desenvolvimento includente, sustentável e sustentado**. 1 ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2004

SARDÁ, F, A, H; FERRAREZZO, E, M; Controle de Qualidade de Produtos Vegetais e animais. Londrina: Ed. E Dist. Educacional S.A., 2018.

SEDEMA. Secretária do Desenvolvimento Rural e Meio Ambiente. Plano de Desenvolvimento Rural. Art. 31 do Plano Diretor de Chapecó. 2015. Disponível em: <<https://www.chapeco.sc.gov.br/conteudo/36/desenvolvimento-rural-e-meio-ambiente>>. Acesso em: 17 set. 2019.

WILLER, H. Organic Agriculture Worldwide: The main results of the FiBL-IFOAM Survey. Biofach Congress, Nürnberg, 2010.